

Objetificação e desigualdade de gênero na mídia: a representação de Taylor Swift na cultura pop¹

João Rafael Theodoro Rossetti²

Ariane Carla Pereira³

Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro

RESUMO

A pesquisa investiga as desigualdades de gênero na cobertura midiática de artistas, com foco na representação da cantora Taylor Swift. O estudo parte do problema de como a mídia perpetua estereótipos sexistas que objetificam mulheres e minimizam suas conquistas. O objetivo é analisar a diferença de tratamento entre artistas femininas e masculinos, destacando a importância da perspectiva de gênero no jornalismo. A metodologia empregada é a Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), de Iluska Coutinho. Os resultados revelam como a mídia reforça a desigualdade de gênero ao priorizar a vida pessoal das artistas em detrimento de seus méritos profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cobertura jornalística; gênero; jornalismo com perspectiva de gênero; Taylor Swift.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a mídia desempenha um papel central na perpetuação de estereótipos de gênero, especialmente no contexto artístico. Mulheres artistas são frequentemente objetificadas e avaliadas pela aparência ou pela vida pessoal, enquanto homens são enaltecidos por suas conquistas profissionais. Esse padrão reforça desigualdades e impacta a forma como artistas femininas são percebidas, reconhecidas e respeitadas na indústria cultural.

Um exemplo emblemático é a cobertura midiática da cantora Taylor Swift, cuja trajetória expõe o tratamento desigual reservado às mulheres na cultura pop contemporânea. E uma amostra dessa dinâmica pôde ser observada na 57ª edição do *Grammy Awards*, quando a cantora Taylor Swift, indicada a três categorias principais, teve suas nomeações ignoradas em uma entrevista no tapete vermelho. Durante a interação, a repórter da *Entertainment Tonight* afirmou que “só queria mostrar as pernas” da artista e sugeriu que ela voltaria para casa “com mais do que talvez apenas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cultura pop e comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Graduando do curso de Jornalismo na Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: rafaeltrossetti@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: ariane@unicentro.br.

um troféu, acho que muitos homens?”⁴, enquanto as câmeras faziam um close-up ao vivo nas pernas da cantora.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo analisar as diferenças na cobertura midiática de artistas femininas e masculinos, utilizando como estudo de caso a representação de Taylor Swift no período de divulgação do álbum 1989 – entre os anos de 2014 a 2016 – período que marca uma transição crucial na carreira de Swift, quando ela consolidou sua virada para o pop mainstream e passou a desafiar abertamente a forma como era retratada pela mídia. A análise, então, busca compreender como práticas jornalísticas contribuem para a perpetuação de estereótipos de gênero, propondo reflexões sobre a necessidade de uma abordagem comunicacional mais equitativa e consciente.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota a Análise da Materialidade Audiovisual (AMA) como principal método de investigação. Desenvolvida por Iluska Coutinho, a AMA propõe a análise integrada dos elementos textuais, sonoros, imagéticos, temporais e de edição presentes nos produtos audiovisuais. Em vez de fragmentar os componentes da linguagem audiovisual, o método considera que o sentido emerge da articulação dinâmica entre esses elementos. Essa abordagem é especialmente pertinente para a análise da cobertura midiática, pois permite identificar de que modo práticas jornalísticas naturalizam estereótipos de gênero não apenas por meio do discurso verbal, mas também pelas escolhas visuais e de edição.

O corpus da pesquisa é composto por entrevistas concedidas por Taylor Swift entre os anos de 2014 e 2016, período que marcou uma transição significativa em sua imagem pública com o lançamento do álbum 1989. Para a seleção das entrevistas, foram adotados dois critérios: (1) que os vídeos estivessem disponíveis em canais oficiais de emissoras ou programas no YouTube, assegurando a autenticidade e integridade das fontes; e (2) que as entrevistas tivessem sido realizadas durante o ciclo de promoção do álbum, momento de intensa exposição midiática para a artista. A definição desse recorte temporal e a escolha das fontes visam garantir uma análise consistente das estratégias midiáticas de representação e sua relação com as desigualdades de gênero.

⁴ Disponível em: <https://youtu.be/Us1CudkeC4I?si=RzjrGO8RvQFvcYiq>. Acesso em: 12/04/2024.

3. ANÁLISE, À LUZ DO JORNALISMO COM PERSPECTIVA DE GÊNERO

A análise das entrevistas realizadas com Taylor Swift durante o ciclo de promoção do álbum 1989 revela uma distorção significativa na cobertura jornalística dedicada à artista. Em vez de focar suas conquistas profissionais — como as múltiplas indicações ao Grammy e a transição bem-sucedida para o gênero pop —, as entrevistas frequentemente desviavam o centro das discussões para aspectos de sua vida pessoal, como seus relacionamentos amorosos e sua aparência física. Esse tratamento midiático reforça estereótipos de gênero que associam mulheres à esfera privada e emocional, em detrimento de suas realizações públicas e profissionais.

Segundo Chaher (2007), a mídia tradicional reproduz padrões culturais que atribuem às mulheres um lugar prioritário na vida privada, enquanto homens são valorizados por suas ações no espaço público. Essa abordagem desigual, refletida nas perguntas feitas a Taylor Swift, contribui para a construção da imagem de mulheres artistas como figuras volúveis, instáveis e menos merecedoras de reconhecimento profissional. Além disso, como aponta Santoro (2007), práticas midiáticas como essa perpetuam uma forma de violência simbólica que normaliza a objetificação e a desvalorização da trajetória feminina, impactando negativamente a percepção pública sobre suas capacidades e talentos.

No caso específico de Swift, o desvio do foco jornalístico é evidente em situações como a entrevista no tapete vermelho do *Grammy Awards*, em que suas nomeações a prêmios importantes foram ignoradas em favor de comentários sobre sua aparência física. Esse tipo de cobertura exemplifica como a mídia reforça estereótipos tradicionais, desconsiderando a complexidade e a relevância das conquistas femininas no cenário cultural.

A comparação entre a cobertura midiática de Taylor Swift e a de artistas masculinos evidencia o tratamento desigual baseado em estereótipos de gênero. Enquanto compositores homens, como Ed Sheeran e Bruno Mars, são frequentemente elogiados por transformarem suas experiências pessoais em material artístico, Swift é retratada pela mídia como “calculista”, “dramática” ou “vingativa” ao compor sobre sua vida amorosa. Em entrevista de 2014, a cantora criticou esse duplo padrão, afirmando

que “quando um homem faz algo é ‘estratégico’. Uma mulher faz o mesmo, é ‘calculado’. Um homem pode ‘reagir’, uma mulher apenas ‘exagera’”⁵.

Essa diferença de tratamento está alinhada com o que aponta Chaher (2007) ao discutir como o jornalismo reforça papéis de gênero tradicionais, atribuindo racionalidade e estratégia aos homens, enquanto associa emoções e impulsividade às mulheres. A crítica de Swift ilustra como essa lógica midiática não apenas diferencia as narrativas de homens e mulheres, mas também desvaloriza as realizações femininas ao enquadrá-las como excessivamente emocionais ou motivadas por interesses pessoais.

Segundo Santoro (2007), essa prática constitui uma forma de violência simbólica, ao naturalizar a ideia de que as mulheres não podem ser agentes plenas de suas trajetórias criativas. Ao reduzir a produção artística de Swift a meras confissões românticas, a mídia esvazia o reconhecimento de seu trabalho como compositora e estrategista de sua carreira, reforçando um modelo midiático sexista que limita o espaço de atuação e reconhecimento das mulheres no campo cultural.

Outra evidência da distorção da cobertura midiática de Taylor Swift pode ser observada em entrevistas específicas realizadas no período de divulgação do álbum 1989. Em entrevista concedida à rádio irlandesa *Spin 1038*⁶, Swift foi questionada majoritariamente sobre temas irrelevantes à sua carreira musical, como seus “gatos e garotos” apesar do sucesso comercial de seu single *Shake It Off* naquele momento de sua carreira. Ao abordar a canção *Blank Space*, a entrevistadora priorizou interpretações românticas, ignorando a crítica irônica que a artista fazia à maneira como sua vida pessoal era ficcionalizada pela mídia.

Situação semelhante ocorreu durante a participação de Swift no programa *The Morning Show*⁷, quando, ao ser convidada para falar sobre sua trajetória artística e o lançamento de 1989, teve sua canção *Style* imediatamente associada a um ex-namorado, apesar de ter refutado a associação. Nessas ocasiões, o foco da cobertura desloca-se intencionalmente do mérito profissional da artista para reforçar narrativas pessoais e estereotipadas.

A aplicação da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), conforme proposta por Coutinho (2016), permite evidenciar que esses desvios não se dão apenas

⁵ Disponível em: <https://youtu.be/kQq6kJ6pOdI?si=xIbocrDGPmaUOo27>. Acesso em: 12/04/2024.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UHd9x0J8N7Q>. Acesso em 12/04/2024.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rux5LZ1IU1Q>. Acesso em: 12/04/2024.

pelo conteúdo verbal das perguntas, mas também pela composição visual e sonora das entrevistas. Elementos como o enquadramento das câmeras, os cortes de edição e a escolha de trilhas sonoras reforçam sentidos específicos que reduzem a artista à dimensão privada e emocional. Assim, a AMA demonstra que a construção midiática da artista é produzida de forma integrada, envolvendo texto, imagem, som e edição, e que essa articulação naturaliza uma narrativa que subestima a complexidade da trajetória profissional feminina.

Diante desse tratamento midiático desigual, Taylor Swift passou a se posicionar publicamente contra a objetificação e o duplo padrão de gênero na indústria cultural. Durante a promoção do álbum *1989*, a artista criticou abertamente o modo como suas realizações eram minimizadas pela mídia em favor de narrativas que enfatizavam sua vida pessoal. Ao rejeitar interpretações sexistas de sua obra e denunciar a disparidade na cobertura entre homens e mulheres, Swift não apenas ressignificou sua própria imagem pública, mas também contribuiu para o debate sobre desigualdade de gênero no campo artístico.

O impacto cultural da perpetuação desses estereótipos pela mídia pop vai além do caso de Taylor Swift. Como observam autoras como Chaher (2007) e Santoro (2007), a representação midiática limitada das mulheres reforça padrões simbólicos de subordinação, dificultando o reconhecimento pleno de suas capacidades profissionais. Ao priorizar aspectos privados e estereotipados em detrimento das competências artísticas, a cobertura midiática contribui para a construção de uma percepção pública que subestima a contribuição das mulheres no campo cultural. A resistência de figuras públicas como Swift é fundamental para tensionar esses discursos, mas a transformação efetiva do cenário depende da adoção de práticas jornalísticas que incorporem uma perspectiva de gênero crítica e inclusiva.

4. CONCLUSÃO

A análise da cobertura midiática de Taylor Swift durante o período de divulgação do álbum *1989* evidenciou a perpetuação de estereótipos de gênero nas práticas jornalísticas. Em vez de valorizar suas conquistas artísticas e sua trajetória profissional, a mídia priorizou aspectos da vida pessoal da artista, reforçando imagens de instabilidade emocional e volubilidade que ainda marcam a representação de

mulheres na cultura pop. Esses padrões confirmam a necessidade de adotar abordagens críticas no jornalismo, que considerem as desigualdades estruturais de gênero e questionem narrativas que limitem o reconhecimento pleno das mulheres como profissionais competentes.

Neste sentido, esta pesquisa busca contribuir para o debate sobre a representação de gênero na mídia, evidenciando como práticas aparentemente naturais de cobertura reforçam a objetificação feminina. Ao propor uma reflexão sobre a necessidade de uma cobertura mais equitativa e consciente, o estudo se insere nas discussões contemporâneas sobre comunicação, cultura pop e justiça de gênero, estimulando novas investigações e práticas transformadoras no campo da comunicação social.

REFERÊNCIAS

CHAHER, Sandra. La práctica del periodismo de género. *In*: CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia (org.). **Las palabras tienen sexo**: introducción a un periodismo con perspectiva de género. 1. ed. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007. p. 95-110. ISBN 978-987-23611-0-5.

CHAHER, Sandra. Transversalización del enfoque de género. *In*: CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia (org.). **Las palabras tienen sexo**: introducción a un periodismo con perspectiva de género. 1. ed. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007. p. 125-136. ISBN 978-987-23611-0-5.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. *In*: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. **Anais** [...]. [S. l.: S. n.], 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 8 set. 2024.

PEREIRA, Ariane. Telejornalismo de ideias em defesa da equidade: a perspectiva de gênero aliada ao diagnóstico do presente. *In*: EMERIM, Cárlica (Org.). **Metodologias de pesquisa em telejornalismo**: o jornalismo para telas. Florianópolis: Editora Insular, 2020, p. 135-146.

PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. Telejornalismo como instrumento de combate às violências contra a mulher: Conceitos e elementos para construir reportagens audiovisuais com perspectiva de gênero. *In*: PEREIRA, Ariane; MELLO, Edna; COUTINHO, Iluska (org.). **Telejornalismo em mutação**: Rupturas e permanências. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2023. v. 16, cap. 3, p. 259-282. ISBN 978-85-524-0375-3.

SANTORO, Sonia. La práctica del periodismo de género. *In*: CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia (org.). **Las palabras tienen sexo**: introducción a un periodismo con perspectiva de género. 1. ed. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007. p. 137-152. ISBN 978-987-23611-0-5.